

Filosofar para comunicar: espaço dos surdos na Educação de Jovens e Adultos (EJA)



Ana Luiza Paganelli Caldas*

Resumo:

Este trabalho é uma sumária reflexão sobre aplicar a filosofia na educação como ferramenta para construir o pensamento. O filosofar no sentido de construir significado de mundo, de construir subjetividade, de construir a identidade surda a partir da educação pressupondo que muitos surdos nascem em famílias ouvintes e são educados em escolas de ouvintes e, às vezes, também chegam a idade adulta sem acesso a educação escolar. Meu princípio é minha realidade enquanto surda e educadora. Procuo assim reforçar o ideal de que a Língua Brasileira de Sinais - Libras, é a língua dos surdos e é ela que permeia os processos educativos desta comunidade, sejam crianças, jovens ou adultos. Portanto, as escolas bilíngues para surdos são de fundamental importância para que o sujeito surdo participe da construção de sua autonomia para atuar numa sociedade ouvinte e que exige preparação para o mercado de trabalho.

Palavras-chave:

Educação. Filosofia. Identidade surda.

Abstract:

This work is a summary reflection on applying philosophy in education as a tool to construct thought. Philosophy in the sense of constructing world meaning, of constructing subjectivity, of constructing the deaf identity from education, assuming that many deaf people are born in hearth families and are educated in schools of listeners and sometimes also reach adulthood without access school education. My principle is my reality as a deaf and educator. I try to reinforce the ideal that the Brazilian Language of Signs - Libras, is the language of the deaf and it is the language that permeates the educational processes of this community, whether children, youth or adults. Therefore, bilingual schools for the deaf are of fundamental importance for the deaf person to participate in the construction of their autonomy to act in a listener society and that requires preparation for the labor market.

Keywords:

Education. Philosophy. Deaf identity.

Introdução

Gostaria de iniciar expressando a minha alegria de escrever este artigo sendo mediada por um tradutor¹ de Língua Brasileira de Sinais. Uma vez que este artigo trata do desafio de trazer à tona a discussão acerca da identidade do professor surdo, tenho convicção de que escrever um texto desta maneira significa iniciar a marcação dessa identidade.

* > Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). Professora de Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: anacrespa2012@gmail.com ou paganelli.caldas@ufrgs.br

1 > Tradução da Libras para o Português escrito realizada por Luiz Daniel Rodrigues.

Meu ingresso na educação de jovens e adultos foi em 2008, marcadamente um ano conturbado para mim enquanto professora uma vez que senti bastante dificuldade em adentrar e ser aceita como surda na rede municipal de Porto Alegre. Com esforço e dedicação, fui sendo desafiada e desafiando a mim mesma na percepção dessa nova realidade que se descortinava para mim e para a educação de surdos no município. Uma professora surda que se colocava no compromisso de refletir as práticas e as implicações diretas na maneira como as pessoas surdas vinham sendo representadas nos espaços educacionais, uma professora que não se calava frente aos desafios cotidianos que envolvem a educação de jovens e adultos surdos.

O desenrolar deste texto mostrará algumas implicações da presença ou não do professor surdo, sua identidade, sua contribuição para a pedagogia surda, assim como o esboço de um olhar filosófico sobre a falta de profundidade que percebo nas práticas educacionais voltadas ao aluno surdo. Essa falta de profundidade pode ser explicada como um desinteresse, ou uma não apropriação da língua, ou ainda como uma não vivência da língua de sinais.

Vejo a importância de, em língua de sinais, os professores ouvintes colocarem, para si mesmos, indagações, como: estou enxergando, mas estarei eu “lançando um olhar”? Estou pensando, mas, estarei “refletindo”? Esse olhar filosófico é pouco colocado entre os surdos, digo, não é praxe que surdos façam questionamentos filosóficos. Diante disso não posso deixar de admitir que esta é uma visão nova quando se trata de língua de sinais. A partir disso vejo a importância de refletir filosoficamente acerca do significado que essas perguntas trazem para os professores quando desafiados a lidarem com habilidades cognitivas que eles próprios devem desenvolver.

Educação e identidade surda

O filosofar na prática educativa significa uma valorização da identidade linguística, significa adentrar a realidade dos surdos e buscar nessa relação a alteridade que reconhece, de certa maneira, o ser surdo. Esses alunos, que em geral são provenientes de famílias ouvintes, que não dominam a língua de sinais, crescem sem se sentirem parte de um mundo, como se não fossem criaturas entre criaturas. “O nascimento é uma criação entre criações” (SARDI, 2004, p. 81). Mas, para que isso seja uma realidade para os surdos, é preciso oportunizar que os alunos se entendam como criações de uma sociedade que sabe se comunicar com eles. Somente em uma sociedade que fale a sua língua é que essa oportunidade será concretizada.

Nos permite refletir, não tanto sobre o verdadeiro e o falso, mas sobre a nossa relação com a verdade. Ela é um movimento pelo qual, com esforços e tateamentos, com sonhos e ilusões, desprendemo-nos do já adquirido como verdadeiro e engajamo-nos na transformação de nossos quadros de pensamento, de nossas estruturas mentais, na modificação dos valores recebidos, no trabalho para pensarmos de outra forma e para sabermos como devemos nos conduzir e nos tomar o que ainda não somos (LARROSA apud CUNHA, 2008, p. 81).

No sentido de apropriação dos valores e estruturas mentais em constante e progressiva reorganização é que a sociedade prepara os indivíduos, as oportunidades estão disponíveis através da linguagem. A identidade do professor surdo serve como inspiração para o aprendizado dos surdos em língua de sinais. O professor surdo como aquele que se aproxima do aluno pela identidade linguística e gera uma abertura ao saber com uma maneira “surda” de ver o mundo.

Muitas vezes os alunos não encontram sua identidade, não se enxergam como iguais, não estabelecem vínculo, mesmo que provisórios, por simples desencontros ocasionados por uma educação que não enxerga a especificidade. Acredito que seja imprescindível marcar esse lugar, mostrá-lo ao aluno surdo, e isso pode começar pela presença de um professor surdo que saiba, igualmente, estabelecer o vínculo estrategicamente.

Recordo-me do início do trabalho com jovens e adultos surdos na rede municipal de Porto Alegre como algo ambivalente em termos de respeito à diferença linguística e cultural. Houve um período em que o professor era mediado por um intérprete de Libras, sendo que as salas eram compostas por alunos exclusivamente surdos. Após algum tempo houve um processo de mudança na concepção dos professores. Estes passaram a aprender a língua de sinais em cursos fornecidos pela Prefeitura. Essa mudança mostrou um maior interesse e valorização da língua, e a apropriação desta pelos professores foi muito bem recebida pelos alunos. Estes se sentiam contemplados ao perceber que os educadores se interessavam pela sua forma de comunicação.

Não apenas o fato de os professores da rede municipal de Porto Alegre terem aceitado assumir a língua em sua prática levou a esse estreitamento da relação entre professores e alunos. Também houveram diversas formações voltadas para a teorização da educação de surdos, especificamente na UFRGS, sob o comando do professor Carlos Skliar. É importante, da mesma forma, ressaltar a importância das lutas surdas pelo direito à língua e à educação. Essa marcação do lugar da pessoa surda trouxe um outro entendimento acerca dessa comunidade, progressivamente sendo entendida como uma comunidade linguístico-cultural ao invés de deficientes. A minha entrada na rede de ensino da Prefeitura de Porto Alegre, assim como do professor Wilson Miranda, também contribuiu para essa mudança de representação.

Como surda, passei a ser uma espécie de “fonte” onde os ouvintes passaram a se respaldar para compreender melhor a pessoa surda. Como liderança da comunidade dos surdos, como professora, passei a participar ativamente das construções de políticas educacionais assim como despertei os meus colegas ouvintes para outras possibilidades. Aqueles que estavam ainda em uma concepção clínica puderam perceber que havia outras maneiras de conceber a surdez.

Pelo fato de eu ser, na época, a única professora surda atuando na educação da rede municipal de Porto Alegre são geralmente atribuídas a mim funções que dizem respeito ao ensino da Libras. Entretanto, eu compreendo que o professor surdo não pode ficar apenas limitado ao ensino da língua. A língua é ensinada de muitas maneiras nos diversos momentos das atividades escolares, a comunicação em língua de sinais deve ter um papel central na prática de todos os educadores. O professor surdo certamente representa a perpetuação dessa língua em sua forma natural. E se esse professor não estiver em sala de aula? Como se encaminhará a prática dos professores ouvintes? Como ficará representada a língua e a cultura surda na escola que esperamos que seja bilíngue?

Assumir esse espaço da língua de sinais no âmbito escolar significa assumir a identidade surda dos alunos, dos eventuais professores surdos que atuem na escola, e assumir a mudança de paradigma que irá desafiar os alunos a também mudar os olhares sobre si mesmos. O uso constante da língua de sinais não é apenas um capricho pedagógico, é, ao contrário, a possibilidade de expor os alunos ao “pensar em língua de sinais”, a se entenderem como sujeitos “em língua de sinais”. O filosofar, o alcance dos níveis mais complexos do pensamento, a politização dos alunos a partir do reconhecimento de si mesmos como sujeitos surdos só será alcançada nessa exposição constante às informações. Somente professores que estejam abertos a essa cultura e essa identidade poderão experimentar essa revolução.

Educação para jovens e adultos surdos

Os alunos são interpelados diariamente pela cultura ouvinte, e, como pessoas surdas, são expostas assim a marcas de exclusão, à concepção de falta, de desvio, de deficiência. Marcar o ensino de surdos com a língua de sinais significa valorizar outro tipo de interpelação, o da cultura surda. As disciplinas escolares devem contribuir como estabelecimento dessa marca surda criando sinais referentes aos assuntos de que tratam. Ampliando o vocabulário e as maneiras de se expressar conforme as diferentes perspectivas científicas os professores estarão não somente valorizando a língua dos surdos, mas fazendo com que os próprios alunos surdos aprendam a valorizá-la. “Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada” (HALL, 1999, p. 21).

Pelo fato de a EJA ser um espaço de reconhecimento de cidadania, de autonomia e aceitação da diversidade, é preciso que a consciência comunitária seja diariamente consolidada. A escola de EJA para surdos muitas vezes é o único espaço onde os jovens e adultos trabalhadores têm para se comunicar em língua de sinais, alguns sequer conhecem a associação de surdos. Como se entender como sujeitos políticos sem que haja plena comunicação? É preciso que os professores assumam essa consciência e tomem de empréstimo a identidade surda (no caso de professores ouvintes) fazendo da língua de sinais a língua de instrução e também de questionamento político.

Os ouvintes nascem no povo ouvinte e adquirem a experiência de ouvintes. A experiência do contato com a experiência do outro diferente, com aquele outro que volta e reverbera de si com a sua pedagogia, coloca-o diante da mudança de si. Ser ouvinte é o oposto do ser surdo. Ser surdo significa simplesmente se desenrolar como o diferente, como o outro de ouvinte. Há muitos séculos, prevaleceu e prevalece o conceito de ser surdo como ser inferior, anormal deficiente (PERLIN; QUADROS, 2006, p. 170).

Ser o outro da educação, ser o outro das artes, ser o outro da literatura, ser outro da sociedade em geral. A diferença dos surdos tem sido, na história da humanidade, uma marca de exclusão. A sociedade é ouvinte. Ser surdo requer um aprendizado. A sociedade abre espaços limitados para os surdos, no lugar de “diferentes”. Neste lugar de diferença vemos espaços como associações, escolas, esportes, sites da internet, sempre marcados com a diferença que é a surdez. Os alunos da EJA devem reconhecer esses lugares, mas sem os aceitar passivamente. O professor surdo, nesse sentido, será o estopim para esse reconhecimento, em um processo de identificação. Os professores, se engajando nesse processo de reconhecimento e tradução dos alunos, estarão comprometidos com a construção de significados dos alunos.

A tradução é uma capacidade polivalente, dizendo respeito à língua como também a processos mentais e sociais mais complexos. A tradução das palavras, o lugar e a importância dessas, a tradução dos sinais em outros. Para frasear, analisar, contar, analisar as próprias ideias, tudo isso está relacionado à capacidade de tradução, habilidade imprescindível para o entendimento do lugar dos surdos na sociedade.

Para refletir é preciso ter linguagem. Para filosofar é preciso que haja uma estrutura linguística sustentando o movimento do pensar, na direção de perguntas e argumentações que levem o indivíduo a perceber a si mesmo como sujeito e objeto dessas reflexões. A prática do pensar, o exercício da reflexão na EJA para surdos se depara com a limitação linguística de alunos que tiveram, além de uma defasagem na vida escolar, também uma defasagem linguística. A EJA precisa resgatar as histórias de vida, as capacidades de perguntar e responder e criar, através de poesia, piada, contação de histórias, tudo o que

possa desenvolver nesses alunos o despertar para a língua como ferramenta de libertação, de pensamento como descoberta de um mundo até então negado pela limitação linguística. “Criar linguagem e criar pensamento é também criar ação” (SARDI, 2004, p. 37).

Os professores ouvintes conversam em língua portuguesa, os alunos surdos presenciavam isso durante toda a sua vida. É preciso que os professores utilizem mais a língua de sinais quando estão em contato com os alunos surdos. Essas conversas soam como um murmúrio, algo que inacessível que os alunos enxergam, no entanto não podem estabelecer contato direto. Em um espaço em que existem turmas de alunos ouvintes, como, por exemplo, o CMET Paulo Freire, isso se estende por toda a escola, reduzindo progressivamente o espaço dos alunos surdos. É preciso um espaço em que os surdos possam se sentir identificados e capazes de se comunicar. Será muito difícil que os professores ouvintes utilizem essa língua com seus alunos, que a valorizem, que a utilizem mesmo entre si?

Considerações finais

A sala de aula de surdos precisa ser um espaço de produção de perguntas, de familiarização com a produção de questionamentos e indagações. O professor deve, utilizando a língua de sinais, estimular a capacidade de formular perguntas, portanto deve dirigir perguntas aos alunos, obtendo respostas e mais perguntas, em direção aos significados almejados.

Os ouvintes têm à sua disposição o uso constante da língua portuguesa na modalidade oral, sendo isso algo muito positivo para o desenvolvimento cognitivo. Mas e os surdos? Estes possuem uma outra via de acesso à linguagem, a visão. Por isso estão em desvantagem na maior parte da sua vida. Os professores devem investir intensamente na comunicação em língua de sinais. Por isso o filosofar, a produção de perguntas, a formulação de dúvidas que possam construir um mundo mais significativo para esses alunos.

Se estivermos diante de pessoas que não dispõem dessa possibilidade no espaço familiar, no trabalho, e na história de sua vida escolar apenas encontrou tentativas insuficientes de estímulo cognitivo, marcado por práticas oralistas centradas na comunicação oral, é exatamente no espaço da EJA que esse caminho deve ser construído.

Certamente não é tarefa fácil, pois requer todo um resgate e estímulo dos alunos, de sua autoestima e valor social. Mas é um trabalho de requer empenho, entrega pessoal e coragem. Vamos fazer da EJA um território também surdo através da Língua Brasileira de Sinais, a Libras!

Referências

CUNHA, José Auri (org.). *Filosofia para criança: orientação pedagógica para educação infantil e ensino fundamental*. Campinas: Alínea, 2008.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

PERLIN, Gladis; QUADROS, Ronice. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: QUADROS, Ronice (org.). *Estudos Surdos I*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. p. 166-187.

SARDI, Sérgio Augusto. *ULA: um diálogo entre adultos e crianças*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.